

Médicos brasileiros estabelecem contato com terapias do futuro

Simpósio em SP mostra terapias biotecnológicas porque acabam de sair dos laboratórios para as clínicas

REBECA KRITSCH

Das modernas substâncias usadas no combate ao câncer, somente uma delas é comercializada no Brasil. É o interferon, usado no tratamento de câncer de Sarcoma de Kaposi em pacientes com Aids, em melanoma maligno (câncer de pele) e em um tipo específico de leucemia. A droga é comercializada sob os nomes de Roferon e Interon. Outras drogas, desenvolvidas com o auxílio da engenharia genética e em pleno uso pelos especialistas, ainda estão disponíveis somente nos mercados europeus e norte-americanos.

Novas combinações das terapias já conhecidas e de tratamentos que ainda não chegaram às clínicas foram discutidos sexta-feira e sábado no Simpósio Internacional de Biotecnologia no Câncer Humano, no Centro de Convenções Rebouças. O evento foi coordenado pelos médicos Ruy Bevilacqua e Drauzio Varella e a programação científica foi organizada por Ronald Bukowski da Cleveland Clinic Foundation (EUA). De acordo com Varella, umas das terapias mais eficientes usadas hoje é a introdução de fatores de crescimento de glóbulos



Márcia Zoet/AE

Simpósio: terapias que salvam vidas ainda não chegaram

brancos e vermelhos sintetizados em laboratório. Não há nenhum medicamento desse tipo no mercado brasileiro. Os fatores de crescimento são substâncias naturalmente produzidas pelas células do organismo que induzem à multiplicação das outras células. Nos glóbulos brancos, o fator de crescimento é produzido na presença do inimigo. O gene produtor desses fatores de crescimento já foi copiado em laboratório e através dele já é possível obter a substância em grandes quantidades.

Um desses fatores de crescimento largamente usado hoje é a interleucina 2. Ela estimula a multiplicação de linfócitos (células de defesa). No tratamento de pacientes com câncer de rim, tem conseguido fazer a doença regredir em até 20% dos casos. Em alguns deles, o câncer desapareceu completamente. Em pacientes com melanoma maligno (de pele), a interleucina 2 obteve melhoras entre 15% e 20% dos casos.

Outra droga desse tipo, usada no tratamento de anemias,

é a eritropoietina. A substância estimula a multiplicação dos glóbulos vermelhos. Já existem fatores também para provocar o crescimento de neutrófilos (um tipo de glóbulo branco) e de macrófagos (outro tipo de célula de defesa). Todas essas substâncias são injetadas no paciente. "Normalmente os fatores têm sido usados em associação com a quimioterapia", explica Varella. O custo do tratamento é muito alto, segundo o médico.

O interferon, disponível no Brasil, também tem se mostrado muito eficiente no tratamento de câncer de rim e melanoma maligno. Mas aplica-se também ao Sarcoma de Kaposi, em pacientes com Aids, e em um determinado tipo de leucemia (nas células ciliadas). Segundo Varella, outra boa aplicação para a droga é no tratamento de pólipos nas cordas vocais, uma doença comum entre crianças que provoca a perda de voz.

A palestra final do congresso, na tarde de ontem, discutiu o "Futuro da Biotecnologia no Câncer". O tratamento genético, o uso de anticorpos monoclonais e os transplantes aplicados ao tratamento do câncer foram os temas debatidos. Bukowski, que organizou o sumário do encontro, acredita que no futuro cada vez mais vai se usar a combinação de terapias.